

RETRATOS REVISITADOS: A CIDADE DA INFÂNCIA NA POESIA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E ÁLVARO DE CAMPOS

REVISITED PORTRAITS: THE CITY OF CHILDHOOD IN THE POETRY OF CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE AND ÁLVARO DE CAMPOS

Marcelo Ferraz de Paula^{*}

Resumo

Este trabalho analisa, comparativamente, algumas imagens poéticas relacionadas ao tópico da “cidade da infância” na poesia de Carlos Drummond de Andrade e de Fernando Pessoa, no heterônimo Álvaro de Campos.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade; Álvaro de Campos; Exílio; Infância.

Itabira e Lisboa. Duas cidades grafadas vivamente na poesia do século XX através do olhar de dois dos mais celebrados escritores de Brasil e Portugal: Carlos Drummond de Andrade e Fernando Pessoa. De um lado, a pequena e provinciana cidade mineira, local de persistência do patriarcado, símbolo de um Brasil que levou a cabo sua modernização concomitantemente à perpetuação dos valores conservadores, a chamada “modernização conservadora” (FERNANDES, 1987) que Drummond faz cintilar com intensidade crítica e emotiva em sua poética marcada profundamente pela cidade natal. Do outro lado, a Lisboa de Fernando Pessoa, mais precisamente, para esta reflexão, a Lisboa construída pelo ângulo melancólico/frenético de Álvaro de Campos, provavelmente o mais inquieto dos seus heterônimos. A persona poética pessoana que, após ter flertado com o

^{*} Doutorando em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP).

decadentismo e, em seguida, elevado à máxima elaboração a poesia futurista em Portugal, depara-se novamente com a cidade da infância, erma de afetos, povoada por uma multidão sem rostos a cumprir seus papéis na práxis urbana com mecânica indiferença.

O que aproximaria essas duas cidades tão distintas em sua geografia, em suas identidades históricas e nos seus aspectos sociais e culturais? De que forma a linguagem poética reconstrói estes dois espaços a partir da ótica tensa, arrebatadora, estética de seus autores?

Uma das possíveis respostas a essas questões passa pelo sentimento de ausência, resultante do contraste em relação às cidades pelas quais os dois sujeitos peregrinaram. Na poesia de Drummond, esse movimento abarca as capitais brasileiras, citadinas e em processo de modernização (primeiro Belo Horizonte e depois o Rio de Janeiro) e na de Campos envolve sua ficcional passagem por Glasgow e Londres, dois polos modernos que o levaram a cantar com euforia (ainda que ambígua a certa da altura da “Ode Triunfal”) o mundo das máquinas.

A experiência representada na poesia de Drummond e Campos tem como característica marcante a distância com que os sujeitos de seus poemas encaram a cidade da infância. Ambos partem de um olhar dilacerado, concretizado no ponto de vista da perda, sob o qual a infância está visivelmente perdida na poeira ofegante do passado. Os laços familiares irreversivelmente diluídos, a identidade cultural fissurada e mesmo a memória que as evoca mostra-se abalada. Aquilo que unia o sujeito ao seu espaço, digamos, fundador perdeu-se tragicamente em algum dos cenários pelos quais os sujeitos transitaram. Logo, ao se atingir a plena consciência de que a infância é irrecuperável, a cidade tematizada também se torna inacessível enquanto espaço de comunhão socializadora. Em outros termos, a materialidade física e histórica do *tropos* é, em ambas as poéticas, uma ponte para se materializar, textualmente, a sensibilidade angustiada da lembrança:

Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!

(“Confidência do Itabirano” – Drummond)

Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!
Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.

Mais do que um simples cenário da vida pretérita, as cidades são elevadas a uma condição inalcançável para onde convergem as lembranças mais remotas do sujeito, seus desígnios primeiros e a afetividade possível, perdida e enterrada no tempo da infância. Em última instância, trata-se da saudade, de uma memória (com todos os logros que a memória propicia) da plenitude afetiva, inclusive de um eventual desejo de retorno – não obstante a análise tensa, sem idealizações, tanto em Drummond como em Campos, do drama familiar.

Estes dois nomes – Itabira, Lisboa –, refundados na linguagem poética, retomam uma referencialidade historicamente já construída. Há, como consequência disso, um diálogo bastante intrincado com aspectos biográficos dos dois poetas. Por mais que as diversas leituras sobre os autores tendam, com alguma razão, a evitar uma leitura mais biográfica destas obras, certamente não é mera casualidade que as duas cidades coincidam com as cidades onde os autores de fato viveram a infância. Tais referências biográficas são tão reais e importantes como a presença de um contexto histórico, responsáveis por arquitetar a ponte entre a realidade interior do sujeito e o mundo externo, entre o drama individual e a história.

Pensando em abordagens mais recentes da lírica, entendemos um sujeito que já não está em si mesmo (COLLOT, 2004), que não corresponde ao modelo hegeliano no qual a lírica é o gênero da subjetividade extrema, da expressão exclusiva de estados da alma, sendo o mundo exterior somente “um pretexto” para que ele apresente sua interioridade. Para Drummond e Campos, especialmente para a Itabira e a Lisboa de seus versos, seria simplista analisá-las somente como reflexo externo de um dilema do sujeito, embora esta dimensão esteja presente, como veremos; cumpre observar a materialidade dos escombros que estes poetas nos revelam, esta saída de si que, para Collot, pode ser “tanto ek-stase como exílio” (COLLOT, 2004, p. 165).

É preciso, em síntese, conciliar na análise este “conteúdo social implícito” – patriarcado, “modernização conservadora”, longamente examinados pela crítica especializada no caso de Drummond, e urbanização, modernidade e incomunicabilidade, no caso de Campos – com a dimensão simbólica de um momento de fundação do indivíduo a partir de seus vínculos iniciais, sanguíneos e formativos, localizada no passado, na infância.

Tematizado em vários dos poemas destes autores, tal momento revela a dolorosa consciência de que toda tentativa de recuperação do tempo é uma quimera. Resta, após as viagens reais, imaginadas ou delirantes pelo espaço natal, apenas o choque constante com o vazio: o descompasso crônico entre a cidade histórica, que se transforma, moderniza-se, e a imagem cristalizada na memória, que é por excelência irrecuperável para além das ruínas deturpadas da lembrança. Nessa difícil tensão que liga o sujeito ao passado, toda experiência acumulada na lacuna temporal entre a saída e o regresso à cidade natal torna-se imperfeita e só pode ser medida, para recordamos o oportuno verso de Manuel Bandeira, em oposição à “vida que poderia ter sido e que não foi”.

Vale ressaltar que o distanciamento entre o sujeito e seu espaço elementar não precisa estar necessariamente na ordem da ausência física. O deslocamento da cidade natal, vivenciado pelos sujeitos líricos em questão, é de certa maneira intermitente, voluntário, quando não opcional e até almejado. Drummond é aquele que sai da “vida besta” de Itabira, seguindo para Belo Horizonte e, da capital mineira, para o Rio de Janeiro, seguindo o caminho da poesia, do conhecimento e, em alguns momentos, da militância política partidária, transgredindo, assim, o determinismo da vida provinciana, herdeiro que era (e que continuará sendo até seus últimos versos, mesmo que “como uma negativa maneira de te afirmar”) desta tradição interiorana sintetizada na imagem do “fazendeiro do ar”.

A obsessão em desvendar o mundo e romper as fronteiras do horizonte restrito de Itabira é, para ele, tão intensa e arrebatadora como a consciência de não poder se livrar dessa vida deixada pra trás, de certa timidez sisuda, uma desconfiança, desses “80 por cento de ferro nas almas”, e do compromisso de seguir a rua que “começa em Itabira, e vai dar em qualquer ponto da terra” (“América” - Drummond).

Álvaro de Campos, por sua vez, é aquele que está sempre em véspera de viagem. Homem citadino, entusiasta da modernidade e das máquinas, cosmopolita; faz do seu reencontro com Portugal a tônica e explicação circunstancial para a melancolia presente na última fase de sua poesia. É na monotonia de uma Lisboa moderna e periférica que Campos, na melhor linhagem baudelairiana, cantará o desconforto diante das multidões que observa do café ou da janela de casa e que passam alheias a sua banal existência, o *spleen*, a vertigem das sensações e o jogo de aparências e descaso que o sujeito contempla de dentro do seu ímpeto emotivo e transbordante.

A complexa ideia de exílio nestes dois autores aparece com um tratamento inovador que merece ser discutido com maior empenho. Afinal, até que ponto poderíamos utilizar a categoria “exílio” para explicar as ressonâncias da mudança, desejada e espontânea, de Carlos Drummond de Andrade de Itaboraí para Belo Horizonte e depois para o Rio de Janeiro? E em Álvaro de Campos, um heterônimo que sequer foi gente de carne e osso, e que só passará a tematizar seu sentimento de desencontro com o meio e o desejo de regresso a um espaço afetivo perdido após seu tardio reencontro com Lisboa? Para potencializar tais indagações, precisamos questionar a própria noção de exílio que embala o senso comum.

A imagem que temos do exilado, consolidada no século XX mas germinada muito antes, talvez desde a **Odisseia**, é a de quem sofreu uma punição política ou teve, a contragosto, que abandonar seu lugar de origem. É esta experiência de exílio, com enumeráveis exemplos na modernidade, que sustenta importantes trabalhos na área da história, da sociologia e da literatura. Neste caso, o exílio surge como reflexo social de uma estratégia de dominação totalitária, de imposição, e é logo atrelado a períodos de guerra e regimes ditatoriais.

O exilado é aquele que sofre a impossibilidade de viver em sua terra, privado que está de um direito político. Seu sofrimento é resultante do desejo de regresso para o local onde pode exercer seus laços afetivos, culturais e políticos. Tudo no exílio lhe é estranho, a comunicação é difícil, a memória de seus vínculos natais o acompanha, muitas vezes desaguando na melancolia: “De exílio em exílio haverá sempre algo que irremediavelmente faltarão, perdido sem remédio nos interstícios da geografia ou da história; ferida jamais fechada, obsessivamente remexida.” (SEABRA, 2004, p. 72).

Edward Said (2003), no entanto, é um dos que sugerem certo alargamento da noção de exílio. Em seu ensaio “Reflexões sobre o exílio”, ele esboça a tese de que o exilado não é necessariamente um indivíduo privado de seu lar natural por conta de uma imposição exterior; a condição de exílio pode ser, segundo o autor, até certo ponto opcional, ou melhor dizendo, voluntária. Aquele que busca melhores condições em um país mais desenvolvido ou foge da miséria de sua região natal também podem passar pela experiência do exílio e sofrer suas consequências. Apesar disso, as considerações do autor não resolvem inteiramente o problema encenado na poesia de Drummond e Campos, visto que, para Said, no horizonte do exilado está sempre o retorno à terra, sendo que essa esperança, mesmo que improvável, e mesmo que adiada ou negada concretamente, se converte numa estratégia de sobrevivência para o indivíduo que está distante de seu lar.

Sem contrariar totalmente a lógica de que a definição do exilado passa, invariavelmente, pelo desejo de regresso, a poesia de Campos apresenta novos elementos que problematizam, esteticamente, este sentimento de ausência, como podemos ver no trecho de “Lisbon Revisited – 1926”:

Outra vez te revejo,
Mas, ai, a mim não me revejo!
Partiu-se o espelho mágico em que me revia idêntico,
E em cada fragmento fatídico vejo só um bocado de mim –
Um bocado de ti e de mim!...

(“Lisbon Revisited – 1923” – Álvaro de Campos)

Como já foi dito, o choque causado pelo encontro com a cidade natal é a tônica do que se convencionou chamar de terceira fase da poesia de Campos. O mais interessante é que a volta do poeta-engenheiro para Lisboa – ele que na biografia montada por Pessoa perambulava por Glasgow e Londres – não ameniza sua condição de exilado, que está condensada com precisão no contundente e emblemático verso: “estrangeiro aqui como em toda parte”.

Na verdade, ocorre exatamente o contrário: o encontro com a Lisboa natal é que potencializa o estranhamento e a incomunicabilidade, tornando-o mais estranho para si mesmo na medida em que a cidade oferece, em suas metamorfoses urbanas, a possibilidade de contraste com a cidade da infância, único tempo-espço em que poderia ser possível uma pacífica fusão do sujeito com o meio social. Nesse mesmo impasse de se sentir estrangeiro em sua própria casa, seja por desconhecê-la ou por não se identificar com ela, é que Drummond levanta o oxímoro: “E a gente viajando na pátria sente saudade da pátria”.

Vale lembrar que algumas leituras, como a do artigo “Exilar-se no exílio” (DUARTE, 2005) chega a confrontar as imagens de exílio em Álvaro de Campos com a situação que Fernando Pessoa viveu nos anos em que morou na África do Sul. Seguindo este raciocínio, os poemas de Campos seriam a realização formal do encontro de Pessoa com sua “Lisboa de outrora de hoje” (“Lisbon Revisited – 1923”), inclusive por dados biográficos como a morte da mãe de Pessoa, visto que Campos em muitos poemas recorre ao expediente formal – também bastante utilizado por Drummond – de enumerar a morte de parentes e amigos como índice

da voraz passagem do tempo por sobre a cidade natal. Dessa forma, temos em Campos:

O que eu sou hoje é terem vendido a casa,
é terem morrido todos,
é estar eu sobrevivente a mim mesmo como um fósforo frio...

("Aniversário" – Álvaro de Campos)

E em Drummond:

Pai morto, namorada morta.
Tia morta, irmão nascido morto.
Primos mortos, amigo morto,
avô morto, mãe morta.

("Os rostos imóveis" - Drummond)

Não nos parece o caso de levar a fundo tal leitura biográfica para a presente reflexão, menos por uma repulsa intransigente ao método do que pelas armadilhas que Pessoa conscientemente colocou para esse tipo de interpretação da sua obra e que, vez ou outra, aparecem de maneira duvidosa, especialmente tendo como alvo Campos (muitas vezes visando uma eventual homossexualidade de Pessoa sublinhada em Campos).

Dessa maneira, levantamos aqui a necessidade de se criar uma distinção entre literatura escrita por exilados e uma literatura que trata da condição de exílio, já que o uso indiscriminado da expressão "literatura de exílio", analisada como testemunho durante todo o século XX – aproximando quase que num macro-gênero comum autores tão distintos como Dante, Ferreira Gullar, Jorge de Senna, Pablo Neruda e os judeus que fugiram do nazismo – perdeu de vista o formidável potencial do sentimento de exílio, enquanto experiência humana genuína, em obras de autores que, mesmo sem nunca terem saído de seus países (ao que consta Drummond nunca foi a Europa, e Álvaro de Campos, criação pessoana que é, nunca esteve efetivamente em Glasgow ou na Inglaterra) deram (nova) forma a tal sentimento. Sob essa luz, podemos retornar ao belo ensaio de Said (2003) tendo em vista este alargamento do conceito de exílio, justificando assim nosso objeto de reflexão:

O exílio baseia-se na existência do amor pela terra natal e nos laços que nos ligam a ela – o que é verdade para todo exílio não é a perda da pátria e do amor à pátria, mas que a perda é inerente à própria existência de ambos (SAID, 2003, p. 59).

O frenesi com que os versos livres e prosaicos de Campos recuperam, nos porões da memória, a Lisboa de um tempo irreversível, comprova que o heterônimo compartilhava com seu criador a crença, teorizada por Adorno anos mais tarde, de que num mundo massificado, onde tudo é diminuído à condição de mercadoria, a única pátria possível passa a ser escrita. Num mundo em que tudo lhe é estranho, opaco, mesmo o local em que vivera as suas emoções mais espontâneas, resta ao sujeito o exílio na linguagem, ainda que este refúgio também seja provisório, tênue e vulnerável, como definem os versos de “Tabacaria”:

Mas ao menos fica da amargura do que nunca serei
a caligrafia rápida destes versos,
pórtico partido para o Impossível.

(“Tabacaria” – Álvaro de Campos)

A sede um tanto quanto voraz e com a passionalidade própria dos últimos poemas de Campos não é, portanto, saciada pelo regresso às suas origens, mas sim expandida. Lisboa torna-se um reduto a menos, pois “partiu-se o espelho mágico” em que o sujeito e a cidade formavam um contínuo coeso e integrado, sobrando apenas fragmentos de memória, cacos sem nexos e um encontro torto com a “cidade da minha infância pavorosamente perdida” (“Lisbon Revisited - 1926”).

Fazendo o contraponto com a poesia de Drummond, parece válido afirmar que a persistência de Itabira e do clã mineiro na sua trajetória poética é, tal como vimos em Campos, marcada por um desencontro constante, pela consciência, ao mesmo tempo íntima e social, de que “toda história é remorso”. Para Antônio Cândido (2000), o resgate do passado na poesia drummondiana está marcado pela nostalgia de um outro eu perdido para sempre na escolha de abandonar a herança rural e provinciana de sua família para ir para a “cidade grande” e se dedicar ao trabalho poético – e é no remorso e na culpa (CAMILO, 2002) diante desse abandono culposos que o legado mineiro irrompe em sua obra, fazendo do sujeito, simultaneamente, transgressor e herdeiro dos valores presentes no “país dos

Andrades". É da convivência tensa entre o eu que foi, o eu que poderia ter sido e o eu que poderá ser, além, é claro, do eu da enunciação, que surge a noção de perda e de desterro frente à cidade da infância para sempre perdida: "Quer ir pra Minas/ Minas não há mais." ("José" - Drummond).

É da impossibilidade de adequação à realidade urbana que os fantasmas de Itabira, em fotografias, memórias ou na própria figura etérea do pai, irrompem na obra de Drummond. Outra vez não há possibilidade de regresso a Itabira, que só pode aparecer em sonho ou delírio, como em "Viagem na Família" ("No deserto de Itabira/ a sombra de meu pai/ tomou-me pela mão"), em "A Mesa", "Os mortos de sobrecasaca", ou nas fotografias e documentos antigos que emergem entre a poeira viva e dolorosa do esquecimento: "Retrato de Família", "Os bens e o sangue" ou "Confidência do Itabirano".

Outro ponto a ser pensado nestas representações da cidade da infância se refere aos procedimentos utilizados pelos dois poetas para escapar dos lugares-comuns, sobretudo de base romântica, que pairam sobre a tematização da infância e da terra natal. Evidentemente não há nem em Drummond nem em Campos a evocação idealizada da mocidade, muito menos a exaltação altissonante da pátria. Por certo a infância é vista como espaço de socialização possível e a cidade, por sua vez, adquire uma dimensão simbólica quase mítica. Itabira deixa de ser apenas uma cidade do interior de Minas de um Brasil rural e tradicionalista, assim como a Lisboa retratada nos versos arrebatadores de Campos deixa de ser somente a singela capital portuguesa: em ambos os autores as cidades adquirem uma dimensão totalizadora – "Outra vez te revejo, Lisboa e Tejo e tudo" ("Lisbon Revisited – 1926" – Álvaro de Campos, grifo nosso), "As águas cobrem o bigode/ a família, Itabira, tudo" ("Viagem na Família" – Drummond, grifo nosso) – na qual a referência ao plano geográfico/social/histórico carrega consigo marcas profundas de uma temporalidade íntima e subjetiva.

É como se a "Canção do exílio", de Gonçalves Dias, e o poema "Meus oito anos", de Casimiro de Abreu, para usarmos dois exemplos paradigmáticos do romantismo brasileiro, fossem absorvidos e fundidos pela lógica moderna de tempo, sendo o espaço físico da cidade contaminado pela memória do sujeito que se depara com um mundo perdido. Por isso, só podemos encarar com muita desconfiança versos em que estes sujeitos parecem se curvar diante da infância com um aparente sentido de entrega do tipo "eu era feliz não e sabia". Isso até ocorre eventualmente em alguns poemas: para Campos, no verso "No tempo em

que festejam o dia dos meus anos/ eu era feliz e ninguém estava morto” (“Aniversário”) ou no tom afetuosos, marcando uma quebra explícita do ritmo frenético de seus versos, com que resgata a imagem infantil na célebre digressão presente em “Tabacaria” (“Come chocolates pequena...”) e cuja variante aparece em “Grandes são os desertos”, mas ali aplicada ao próprio sujeito: “Comprem chocolates à criança a quem sucedi por erro”. Essa mesma desconfiança vale para Drummond, quando afirma no poema “Infância”: “E eu não sabia que a minha história/ era mais bonita que a de Robinson Crusoé”.

Entretanto, numa leitura mais profunda, vemos que tais passagens, longe de acenarem para uma contemplação ingênua e idealizada da infância, deixam-se, expressivamente, impregnar de uma aura de ambiguidade que desperta no leitor uma identificação para com as experiências ali expressadas. Mas esta abordagem mais leve é rapidamente pulverizada de negatividade, pois a tal valorização da infância não pode existir para estes sujeitos senão enquanto uma armadilha da memória.

Vejamos, então, exemplos deste articulado jogo de “valorização” da cidade natal para, em seguida, negá-la como índice de plenitude, primeiro em Drummond, no poema “Explicação”, com o entrecruzamento das imagens simbólicas do elevador e da roça, os dois espaços que estabelecem a tensão em todo seu discurso, e depois com a estrofe de “Viagem na Família”, com o emocionado e hamletiano diálogo com o pai, no qual o passado em Itabira é evocado sem nenhuma mistificação:

No elevador penso na roça
na roça penso no elevador
(...)

Era o meu avô já surdo
querendo escutar as aves
pintadas no céu da igreja;
a minha falta de amigos,
a sua falta de beijos;
eram nossas difíceis vidas
e uma grande separação
na pequena área do quarto.

(“Viagem na Família” – Drummond)

Já na poesia de Álvaro de Campos, as estratégias utilizadas para fugir de uma falsa nostalgia – ou do saudosismo que Pessoa criticara ferozmente em alguns de seus companheiros de geração – giram em torno da desconfiguração do sujeito uno e coeso e do questionamento incessante da memória como uma “névoa natural de lágrimas falsas” (“Lisbon Revisited – 1926”). Dessa maneira, o encontro com a cidade da infância mostra-se meramente físico, momentâneo, fugaz e ilusório, pois ao revisitá-la não há nenhum contato com a afetividade ali semeada em outras eras.

Permanece, pois, a condição de estrangeiro – lembremo-nos agora da imagem do “Estrangeiro aqui como em toda parte” –, deste sujeito “fora de lugar” que se sente estranho em sua própria cultura de formação. É o sujeito, mais que a cidade, que se modifica radicalmente em sua peregrinação pelo exterior; tanto se transforma que já não pode mais se familiarizar novamente com a casa que já foi sua, ainda que ela permaneça, até certo ponto, idêntica:

Outra vez te revejo,
Cidade da minha infância pavorosamente perdida...
Cidade triste e alegre, outra vez sonho aqui...

Eu? Mas sou eu o mesmo que aqui vivi, e aqui voltei,
E aqui tornei a voltar, e a voltar.
E aqui de novo tornei a voltar?
Ou somos todos os Eu que estive aqui ou estiveram,
Uma série de contas-entes ligados por um fio-memória,
Uma série de sonhos de mim de alguém de fora de mim?

(“Lisbon revisited – 1926” – Álvaro de Campos)

O eu caminha pela cidade como se caminhasse pelos seus pensamentos/sensações: sem mapas, perdendo-se, talvez de propósito, em cada rua, sentindo a mudança de suas múltiplas e sucessivas identidades a vagar por seu olhar inquieto:

Vou passar a noite em Sintra por não poder passá-la em Lisboa,
Mas, quando chegar a Sintra, terei pena de não ter ficado em Lisboa,
Sempre esta inquietação sem propósito, sem nexos, sem consequência,
Sempre, sempre, sempre,
Esta angústia excessiva do espírito por coisa nenhuma,
Na estrada de Sintra, ou na estrada do sonho, ou na estrada da Vida...

Se Drummond é o poeta que caminha pela cidade grande com a cabeça na roça e encontra como obstáculo a pedra no meio do caminho, Campos já se perde desde o primeiro passo, perde-se mesmo antes de iniciar sua marcha, pois é aquele que está sempre a arrumar as malas, e mais: “Arrumo melhor a mala com os olhos de pensar em arrumar”.

Ambos sentem-se fora de sua cidade natal, capazes de reencontrá-las apenas nos escombros revelados pela memória. Ambos têm plena consciência de terem perdido as raízes que os ligavam a determinada coletividade de onde poderia brotar algum afeto, também perdido na cidade que se transforma. Ambos, enfim, reconhecem que “sob a pele das palavras há cifras e códigos” e que são “vazias de tudo as cidades que tenho percorrido”. Mas dentro destes dois universos poéticos autônomos, distintos, intensos cada um ao seu modo, a experiência do sujeito andante, do peregrino, do “estrangeiro aqui como em toda parte” ou daquele que sente saudade da roça enquanto anda no conforto de um elevador (apenas por não estar na roça a lamentar a falta de um elevador), podemos demarcar uma linha na qual a lembrança da infância, livre de idealizações mas, por isso mesmo, iluminada de experiência, se materializa entre a memória e a representação física/simbólica da cidade natal. E dentro desse jogo de idas e vindas, os poetas nos devolvem, no amargo exílio das palavras, Itabira, Lisboa e a cidade de nossa origem, tocando com ternura a cicatriz da infância, da qual, de certa maneira, somos sempre exilados.

Abstract

This work discusses some poetic images connected by the topic of the “childhood city” in the poetry of Carlos Drummond de Andrade and Fernando Pessoa, in the heteronym Álvaro de Campos.

Keywords: Carlos Drummond de Andrade; Álvaro de Campos; Exile; Childhood.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Nova Reunião**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

CAMILO, V. **Da rosa do povo à rosa das trevas**. São Paulo: Ateliê, 2002.

CANDIDO, A. "Inquietudes na poesia de Drummond". In: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

COLLOT, M. "O sujeito lírico fora de si". In: **Terceira Margem**. Revista do Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura. Ano VIII. Nº 11. P. 165-177, 2004.

DUARTE, Zuleida. "Fernando Pessoa: exilar-se no exílio". In: FERREIRA, E. **Na véspera de não partir nunca**. Recife: UFPE, 2005.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

PESSOA, Fernando. **O Eu profundo e outros Eus**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.

_____. **Poesia completa de Álvaro de Campos**. São Paulo: FTD, 1992.

SAID, E. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

SEABRA, J. F. **De exílio em exílio**. Porto: Fólio, 2004.